

ARQUEOLOGIA DO “APACHISMO”: Bárbaros e Peles-vermelhas no século XIX.¹

DOMINIQUE KALIFA*

Tradução de
SUELEN AMANDA RODRIGUES**

Sabemos do destino do termo Apache, lançado desde o verão de 1900 para designar jovens ladrões da capital e logo estendido a todos os delinquentes juvenis e mesmo a todos os criminosos do país.² Suscitando quase de imediato um verdadeiro deboche discursivo, esta palavra e seus inumeráveis derivados (apachismo, apacheria, apachocracia etc.) fizeram da *Belle Époque* um espantoso “momento Apache” da História da França. “Só se fala dos Apaches”,³ intitula sem ironia um jornalista em 1910. Passadas as grandes emoções do início do século, o termo resistiu muito bem dentro da imprensa e da cultura de grande difusão, exceto durante o entreguerras.⁴ Ele perdurou muito tempo dentro do imaginário pitoresco, periodicamente reativado pelo cinema, pela canção, pela literatura anedótica ou pelo romance policial. Um enigma, no entanto, pesava sobre seu nascimento. A certidão de batismo não era assinada e quase ritualmente se interrogava, a

cada ressurgimento, sobre as origens precisas do termo. A filiação distante não impunha nenhum problema: citava-se Fenimore Cooper, Gustave Aimard, e o entusiasmo do século direcionado ao Oeste americano. A ascendência imediata suscitava, em compensação, as discussões. Alguns atribuíam a paternidade do termo a “um espiritual cronista do Palácio”,⁵ outros aos jornalistas (Victor Morris, chefe das Informações do *Matin*, ou Arthur Dupin, seu *alter ego* no *Journal*⁶), outros ainda, viam a mão do secretário do comissariado de Belleville ou estimavam que o termo brotara espontaneamente do meio dos vadios do leste parisiense⁷. Controvérsia sutil não obstante interminável, na medida em que cada uma das proposições, por ser uma criação coletiva, arrisca-se demasiadamente em revelar-se exata. Portanto, aqui quereríamos inverter as perspectivas, sublinhando ao inverso o quanto as verdadeiras apostas do termo residem antes dentro do ocorrido ao exotismo do índio e às transferências que ele mobiliza. Nascido no cruzamento dos “Dois Mundos”, produto tanto do “popular” quanto do “erudito”, o Apache interroga o século XIX sobre algumas de suas contradições (civilização *versus* selvageria, otimismo *versus* ansiedade, espaços urbanos *versus* espaços naturais), grifando a apreensão crescente do imaginário americano na formulação das novas disfunções sociais.

O selvagem e o proletário

É entre o fim da Restauração e os primeiros anos da monarquia de Juillet que se instala a configuração própria ao Apache. Sem dúvida, o termo foi atestado desde muito tempo. A *Encyclopédie* evoca desde 1751 estes “povos da América setentrional ao Novo México”, e vários viajantes citam seu nome ao acaso de suas peregrinações. Mas o que sobrevém entre 1827 e 1831 tem poucas relações com a lexicologia ou com os atestados linguísticos; na verdade, a palavra Apache talvez nem tenha sido pronunciada. Uma convergência, no entanto, se desenha, que torna possível os futuros usos do termo. Dois acontecimentos lá concorrem, que não mantêm entre eles nenhuma relação aparente: de uma parte, o imenso

entusiasmo literário que suscitam então os romances e o imaginário de Fenimore Cooper; de outra parte, o grande pavor social engendrado pela miséria proletária e pela insurreição dos tecelões de Lion em novembro de 1831. Sobre a influência de Cooper, ao fim da Restauração, tudo ou quase tudo foi dito pelas três teses consagradas ao assunto no início do século XX.⁸ Sabemos que o americano que reside na França entre 1826 e 1833 suscita então literalmente o acontecimento. Logo traduzidos, os romances do ciclo de *Bas-de-cuir*⁹ recebem uma recepção entusiasmada da crítica e tudo o que o país conta então de “classe pensante” se apaixona “pelo Walter Scott dos selvagens”.¹⁰ Sainte-Beuve, Alexandre Dumas, George Sand, Maxime du Camp, Eugène Sue, Béranger, e muitos vibram então com *Le Dernier des Mohicans* ao passo que Balzac, o mais fervoroso dos admiradores de Cooper, transpõe seu universo dentro de múltiplos romances, a começar por *Les Chouans*. Em volta dos Mohawks, Iroqueses, Onondagas, Delaware e de numerosas outras “raças vermelhas” retratadas por Cooper se organiza um primeiro “momento índio”. Em 1827, os Osages em visita a Paris se tornam o objeto de uma série de observações.¹¹ Alguns anos mais tarde, em 1833, são os índios Charruas que são apresentados à Academia de Ciências.

É neste contexto que sobrevêm os acontecimentos lioneses de 1831, que dão sua plena medida a esta inquietação do “bárbaro” que atormentava por vinte anos um imaginário social alimentado de romantismo e de saint-simonismo.¹² Encarnação de todos os perigos, esta antiga figura da desordem ressurgiu, assim, sob o efeito das novas problemáticas sociais. Pensados como uma população fundamentalmente hostil e inassimilável, proletários e plebeus são então representados como hordas selvagens e irresistíveis. Enquanto os historiadores relêem o episódio das grandes invasões e do nascimento da Idade Média, jornalistas e publicistas difundem a imagem de uma civilização em crise, cheia de pavores obsidionais, ameaçada pelo assalto dos novos bárbaros, proletários, criminosos e excluídos de toda sorte. Mas são estes os bárbaros mais temíveis – mais do que os velhos bárbaros indígenas –, porque são inimigos internos e também porque são produtos de uma civilização em marcha e pelo advento do qual eles próprios são

indispensáveis. A imensa repercussão que conhece o artigo de Saint-Marc Girardin do *Le Journal des Débats*, de 8 dezembro de 1831, exprime muito bem o germe deste imaginário e de suas contradições.

Se os índios do qual nos preocupamos, então, são os Iroqueses ou os Hurons, e não os Apaches, distinguimos, no entanto, toda a importância que reveste esta sequência dentro da gênese do fenômeno. Uma inflexão importante é, com efeito, dada à representação do índio americano que cessa então pouco a pouco de ser um “bom selvagem”. A observação não vale para Cooper, para quem “os nobres índios parecem de fato antes aos sonhos da França do século XVIII sobre a natureza humana primitiva do que poderiam procurar os etnógrafos críticos”,¹³ mesmo se o ciclo fervilha também de índios ferozes como os de Magua e dos “malditos Iroqueses”. Mas a emergência adjacente das tribos da América e dos bárbaros dos arrabaldes, a associação que resulta entre os selvagens do exterior e aqueles do interior, entre a fronteira e os arrabaldes, resulta o declínio progressivo da imagem do bom selvagem. Invenção da França humanista, esta figura ficava, no entanto, muito viva entre os letrados, na qual ela se alimentava de múltiplas tradições,¹⁴ aquelas do exotismo americano, suporte privilegiado desde o século XVIII de digressões filosóficas ou críticas da civilização, aquelas da viagem e do imaginário romântico que perdura largamente (*Les Natchez* de Chateaubriand publicado em 1826), aquelas das meditações sobre a “nobreza natural” de certos povos que alimenta frequentemente as narrativas de viagem dos aristocratas da primeira parte de século XIX.¹⁵ Em 1845, ainda reedita-se o *Mœurs des sauvages américains* de Lafitau, que muito contribuirá na difusão, no século XVIII, das representações do bom selvagem americano, Algonquinos ou Iroqueses.¹⁶ Mas estas imagens perdem sua potência frente à figura muito mais inquietante do proletariado como selvagem e às críticas emanadas dos naturalistas e dos antropólogos que fustigam “os paradoxos destes filósofos desgostosos que, indignando-se dos vícios do homem em sociedade, inventaram o homem da natureza tal qual não existe”.¹⁷ A literatura segue, que se desembaraça pouco a pouco

destas velhas imagens. “O bom selvagem é uma espécie que não tem curso na *Comédia Humana*”,¹⁸ afirma a crítica balzaquiana.

Em compensação, progridem as representações assimilando os bárbaros do interior aos índios americanos. Já por volta de 1800, o nascimento de uma etnografia da França revelara a existência de selvagens e de Iroqueses de dentro, mas assimilados ainda aos rurais ignorantes.¹⁹ Em *Le Voyage en Amérique* (1827), Chateaubriand sugeria que a miséria das tribos indígenas igualava àquela dos proletários, e numerosos pesquisadores como Eugène Buret desenvolvem a ideia segundo a qual “a extrema miséria é uma recaída em selvageria”.²⁰ Mas Balzac é mesmo o primeiro a tecer a metáfora, não dentro do sentido do pauperismo, mas no sentido da violência e da periculosidade. De tal sorte que ele evoca em seu *Code des gens honnêtes* (1825) esses “selvagens” que cercam Paris antes de expor claramente à situação em *Le Père Goriot* (1835): “Paris, vedes vós, é como uma floresta do Novo Mundo, onde se agitam vinte espécies de tribos diferentes, os Illinois, os Hurons, que vivem do produto que dão as diferentes classes sociais”.²¹ Descrevendo a democracia americana cercada e ameaçada pelos selvagens, a obra de Tocqueville reforça este uso que se torna um verdadeiro lugar comum no início dos anos 1840. A civilização é uma frente pioneira que progride cercada de tribos selvagens e hostis. Agrupados na sombra às margens das cidades, os vadios de barreiras são qualquer outra coisa que “canibais de nossa civilização”?²² O enorme sucesso público de *Mystères de Paris* que Eugène Sue publica em 1842–1843, ancora estas figuras dentro de um imaginário social que transborda doravante o universo dos únicos letrados. Discípulo de Cooper, assim como de Saint-Marc Girardin, Sue abate de fato as últimas divisórias entre o selvagem da América, o proletário e o delinquente. “Nós vamos tentar colocar sob os olhos do leitor alguns episódios da vida de outros bárbaros também de fora da civilização como as tribos selvagens tão bem pintadas por Cooper”.²³ Mas ele dá a esta representação uma espessura inédita. Primeiro, porque as tribos em questão, ao contrário dos Iroqueses, não se contentam em vaguear nas fronteiras: elas “estão no meio de nós, nós podemos os acotovelar nos aventurando dentro

dos covis onde eles vivem, onde eles se juntam para preparar o assassinio, o roubo, para se partilhar enfim, os despojos de suas vítimas”. Mas também porque a novela complica singularmente: a progressão da intriga mostra que a selvageria não se distribui exclusivamente dentro do universo apontado pelo *incipit*, o que confirma o dia a dia da evolução do leitorado, onde o burguês costeia a barbárie. A civilização e a selvageria lado a lado; ali se situava, sem dúvida, toda a imoralidade do texto.

Relançada por este extraordinário sucesso público, a fama indígena se prossegue em Paris ao fim da monarquia de Juillet. “Todo mundo se interessava por Sioux, por Pawnies e por Delaware”, se lembra Henri Cauvain.²⁴ Em 1845, sobre a iniciativa do Rei Luís Filipe, se abre no Louvre a Galeria Indianista do pintor americano Georges Catlin que, de 1832 a 1840, sulcou as Grandes Planícies e realizou aproximadamente 500 quadros de perto da natureza. A exposição é um triunfo. Escritores como Baudelaire ou George Sand se entusiasma para aquele que quis “salvar os traços do esquecimento, os costumes e vestimentas destas tribos ditas selvagens, e que precisaria antes designar pelo nome de homens primitivos”.²⁵ Filantropos põem então a questão da sobrevivência das tribos,²⁶ cada vez mais identificadas sob a influência das pinturas a óleo de Catlin, os únicos índios das planícies. Alguns anos mais tarde, Louis Hachette publica dentro de sua Biblioteca rosa as narrações e lembranças do pintor.²⁷ Quanto aos Moicanos, eles prosseguem sua carreira de teatro antes que Dumas imponha uma outra acepção do termo, aquela das figuras da boêmia parisiense, fechando, assim, por volta do meio do século, a influência imediata do ciclo cooperiano.²⁸ Havia chegado a hora de outras tribos indígenas.

A Sonora de Luís Napoleão Bonaparte

Diferentemente dos americanos, para quem as guerras Apaches constituem uma das últimas etapas da conquista do Oeste, é remontando do Sul em direção ao Norte que os franceses descobrem estas tribos.²⁹ A nuance é de importância. Ascendentes, estendendo-se sem se confessar verdadeira-

mente em direção à antiga “bela” província, essas representações exprimem de primeiro um profundo desejo da França na América. Tudo se passa como se os franceses excluídos do continente pelo Norte tentavam estabelecer-se pouco a pouco pelo Sul. Entre as cintilações do ouro californiano, que atrai os migrantes no dia seguinte de 1848, os sonhos imperiais de uma França mexicana e os projetos de abertura de um canal dentro do istmo centro-americano, abre-se uma sequência que em meados do século XIX marca a última tentativa de implantação francesa sobre este continente. Desde 1848, exilados, migrantes e viajantes são de fato um grande número de pessoas a se encaminharem em direção à Califórnia e ao México. Os franceses constituem, então, a segunda comunidade estrangeira do México, e muitos destes viajantes, como Gabriel Ferry, Paul Duplessis ou Gustave Aimard, foram tanto os pioneiros do romance francês do Oeste americano, quanto os “arautos” da expedição do México.³⁰ É preciso lembrar aqui a insólita equipe de Gaston Raousset-Boulbon que com um punhado de aventureiros tenta em outubro de 1852 estabelecer-se dentro da Sonora. A independência que ele proclama devia de fato servir de progresso à colonização francesa. A expedição que vira rapidamente um fiasco se conclui em agosto de 1854 pela execução do *condottiere* pelas autoridades mexicanas. Mas um “momento mexicano” da aventura é perceptível aqui, que a literatura, veremos, esforça-se quase de imediato para capturar.³¹ A intervenção francesa no México relança alguns anos mais tarde este atrativo para a América central: a contar de 1862 fala-se de fato muito do México em Paris. Periódicos como *La Revue des Deux Mondes*, *Le Monde Illustré* ou *Le Tour du monde* multiplicam os artigos, insistindo notadamente para melhor justificar a intervenção francesa sobre a insegurança das margens setentrionais do país, a crueldade das tribos Apaches e a incapacidade das autoridades mexicanas de os dominar.³² Este atrativo para a Sonora e para a fronteira Norte se explica tanto quanto pelas importantes riquezas minerais da região (mercúrio, ouro, ferro, chumbo e cobre) como pela retirada momentânea dos Estados Unidos, então em plena guerra civil. Em 1864, os serviços diplomáticos franceses fazem traduzir um estudo norte-americano tratando

desta região, pedindo ao cônsul da França em Panamá para completar por uma notícia sanitária e geográfica sobre esta cidade e sobre este porto do Pacífico.³³ Distingue-se dentro de tal documento os sonhos da grandeza americana que podem então germinar em certos lugares. Aqueles de uma nova América francesa, espécie de imenso império latino na América Central, entre Sonora e Panamá, Rio Grande ao norte e ao sul da floresta do Darien.

Porém o Apache que os franceses descobrem nos mesmos anos é rapidamente percebido como um obstáculo e uma ameaça a este ambicioso programa. “A vizinhança dos Apaches e suas frequentes incursões prejudicam potencialmente o seu desenvolvimento”, e limita sua população, lê-se neste relatório diplomático. Ao contrario dos sossegados Yakis, índios-camponêses, ou das numerosas tribos que foram no passado auxiliares voluntários ou involuntários da civilização, o Apache aparece de imediato como um ser inassimilável, um mau selvagem, sem recuperação possível. O retrato que erguemos dele é tão radical quanto absoluto, espantoso em vários aspectos para quem conhece aquele retrato dos arruaceiros dos anos 1900. “O Apache é naturalmente violento, orgulhoso, cruel e caprichoso”. É um indivíduo errante, levado por seus prazeres ou paixões que ele não domina, como a gula. “O maior prazer dos Apaches é a dança”. Sua crueldade e sua falta de sentido moral fazem tremer: os inimigos são torturados, as mulheres maltratadas, os velhos abandonados. “O Apache vive em definitivo no estado selvagem não reconhecendo outra lei senão a força”. As conclusões se impõem por elas mesmas: somente a eliminação radical destas tribos permitirá pacificar e civilizar estas regiões. Encontram-se as mesmas apreciações alguns anos mais tarde, em 1869, no relatório redigido pelo engenheiro marselhês Louis-Laurent Simonin para o ministro da instrução pública Victor Duruy. Este confiara a Simonin, bom conhecedor do Oeste americano mas também perito geólogo buscando para a conta do governo francês as riquezas minerais do planeta, uma missão de etnologia e de linguística para esclarecer as origens do “homem americano”. No volumoso dossiê que ele remete à biblioteca imperial, Simonin evoca os irredutíveis

Apaches entre as cinco grandes nações do Sul (com os Kiowas, Arapaos, Comanches e Cheyennes).³⁴

É neste mesmo contexto que aparecem os primeiros romances franceses do Oeste americano, e, nas suas trilhas, os primeiros Apaches de papel.³⁵ Desde 1853, são de fato publicados em uma estreita sincronia os contos de Gabriel Ferry e de Louis-Xavier Eyma,³⁶ seguidos alguns anos mais tarde daqueles do quebequense Emile-Henri Chevalier (autor por outro lado dos *Mystères de Montreal*, em 1854), de Paul Duplessis e de Gustave Aimard.³⁷ Um gênero é lançado no qual o dinamismo da edição francesa sob o segundo Império dá rapidamente toda sua capacidade. Desde os anos 1860 se multiplicam títulos e coleções à imagem prolixa “Drames de l’Amérique du Nord” primeiro publicados por Michel Lévy, depois retomado por Bourdillat, Poulet-Malassis ou Lécivain e Toubon, ou ainda da série concorrente “Les Drames du Nouveau Monde” publicada a contar de 1864 pelo editor Brunet. Nesta verdadeira explosão do romance indígena que constitui o Segundo Império, a produção nacional não basta mais. Desde o final do período, aparecem assim as primeiras traduções do irlandês Mayne Reid.

No entanto, mais que o imaginário canadense ou aquele da pradaria que certos romancistas como Emile Chevalier se empregam em prolongar, é bem o horizonte mexicano que alimenta as narrações destes autores, dos quais muito tomaram pessoalmente parte na exploração destas regiões. É, com certeza, o caso de Ferry, que sulca o México e a Califórnia de 1830 a 1850, mas também de Paul Duplessis, que viaja na Sonora, ou ainda de Gustave Aimard (Olivier Gloux, seu verdadeiro nome) do qual nada prova que ele tenha participado como o afirma a expedição de Raousset-Boulbon, mas que ficou efetivamente por várias vezes no México nos anos de 1840, onde ele se fez aventureiro das florestas.³⁸ Para estes homens e seus rivais, a equipada heroica da Sonora constitui uma sorte de grande narração fundadora, depositária de uma larga parte de seu imaginário. Autor de sucesso de numerosas narrações de Peles-vermelhas, publicadas até o fim do

século XIX, o romancista Bénédict-Henri Revoil não foi um dos primeiros historiadores da expedição de Raousset-Boulbon?³⁹

Não se admirará, portanto, que quanto mais aos Pieds-Noirs ou aos Sioux, estas narrações façam boa parte a estes índios do Sul que vagueiam no *no man's land* desértico separando o México dos Estados Unidos. De resto, é em direção a essas regiões que se procura deslocar a dinâmica da fronteira. Em Paris, a fama é também das tribos do deserto. Em 1855, por exemplo, é largamente difundida uma falsa notícia relatando várias histórias de massacres e raptos no Texas pelos abomináveis índios Comanches, saqueadores, violadores e assassinos.⁴⁰ Os romancistas participam amplamente desta descoberta, que é útil, num primeiro tempo, aos Comanches, sobretudo. Poucos Apaches na obra de Eyma, por exemplo, se estendem longamente, em compensação, sobre as tribos Comanches. Mas uma partilha se opera rapidamente nessas duas tribos, que se exprime desde os primeiros romances de Gabriel Ferry. Obra fundadora na qual ele explicita muito claramente o último grande sonho americano da França (na qual se emprega o herói, o caçador canadense Bois-Rosé, que experimenta enganar sua nostalgia nestes espaços tropicais), *Le Coureur des bois* põe em cena um díplico produtivo. Ao Comanche, selvagem moral e assimilável, protótipo do bom índio com o qual uma certa inteligência se revela possível, se opõe o Apache, ser cruel e dissimulado, renegado e rapinador, obstáculo absoluto a toda solução raciocinada. Encontramos o mesmo quadro dois anos mais tarde em *Costal l'Indien*, onde Ferry introduz alguns “diabos vermelhos” Apaches, hostis a toda ideia de civilização.⁴¹

Mas é sobretudo com Gustave Aimard que tal representação leva toda sua dimensão. Mais seguramente do que Ferry, cujo imaginário circula das selvas tropicais aos desertos do Norte, Aimard ancora sua inspiração na Sonora, essa “apacheria” onde ele ficou várias vezes.⁴² “Duas vezes ele foi preso pelos Apaches no poste de tortura”, afirma aliás o prefácio dos *Trappeurs de l'Arkansas*. Falsos, cruéis, malvados, os Apaches encarnam para Aimard o último grau da selvageria. Não são eles como ele o nota em *L'Eclaircur* os párias do mundo indiano, aqueles que não convidamos no

grande conselho de tribos? Sem dúvida é preciso neles reconhecer algumas qualidades como a valentia e a força, mas seus defeitos são inumeráveis: “eles são bêbados, ladrões e saqueadores, sem fé nem lei [...] altivos, ardilosos, astutos, enganadores, ao olhar pesquisador [...] de uma sujidade nojenta e mesmo vergonhosa”.⁴³ Alguns anos mais tarde, ele oferece àqueles que constituem “a nação mais feroz e mais bárbara de todas as savanas do Oeste” um retrato apocalíptico: “estes tiranos do deserto só vivem de assassínios, roubos, pilhagens, torturas e incêndios. Eles atacam os brancos, os vermelhos e os mestiços, sem distinção, e sem outra razão senão seu ódio implacável contra tudo o que é estrangeiro. E quando eles não têm outros inimigos a combater eles se degolam e se massacram entre eles, pelo único prazer de ver correr o sangue”.⁴⁴

Estas imagens terríveis se difundem rapidamente na França em meados do século. Isto é o que registra, por exemplo, Pierre Larousse, cujo o Dicionário descreve: “a mais agressiva de todas as tribos selvagens do Novo México”, estes bando de rapinadores cruéis, glutões, deturpados e polígamos. “Sempre a cavalo, sempre em movimento, eles são os cossacos do Novo Mundo”. Para Aimard, no entanto, a monstruosidade do Apache faz sentido somente na visão da grandeza do Comanche. Pois tudo não está perdido nas obras dos romancistas das tradições do bom selvagem, leal e corajoso que perdura “na raça magnífica” e infelizmente condenada pelos Comanches. Percebe-se desde então o lugar totalmente central que ocupa o Apache neste sistema de representações: figura inqualificável, arquétipo do selvagem feroz e sanguinário, permite justificar a estratégia de eliminação levado em nome da civilização testemunhando simpatia e pesares com respeito a esses bons índios que a irresponsabilidade dos Apaches condena apesar deles. Mais explícito que Aimard, Louis-Xavier Eyma traça rapidamente as lições desta situação. Não deixa nenhuma dúvida, escreve ele que “o objetivo da política forçada dos americanos para com os índios é a destruição radical destes indígenas”. Denunciando o angelismo e as tolices sentimentais que contribuíram a falsear a opinião pública sobre a conta dos índios e dos selvagens”, ele convida a aceitar esta solução em nome da moral

e da civilização. A crueldade destas tribos, seus “instintos ferozes” e sobretudo sua recusa em se assimilar deixa com efeito sua destruição necessária.⁴⁵ “Esta raça é decididamente bem condenada a perecer” concluía um viajante que traz alguns anos mais tarde certas histórias atrozes circulando sobre os índios de Sonora.⁴⁶

Os índios, a caça ao homem e os arruaceiros

Tudo está, portanto, no lugar ao fim do Segundo Império para a importação dos Apaches na França. Popularizada por suas narrativas de grande difusão, a figura do Apache como desprezível e obstáculo à civilização combina de fato muito bem com as novas estratégias de integração das classes “inferiores” que o Império liberal, depois a jovem Republica, se esforçam em promover. Nada tem tanto efeito para descriminalizar a ameaça operária do que fragmentar isolando do conjunto, doravante moralizado e adquirido aos valores e às normas da sociedade moderna, estas tribos dissidentes e irrecuperáveis que logo não restará mais nada senão eliminar-se pela prisão e pela guilhotina.

Uma última série de acontecimentos contribui enfim, nos anos 1880, a difundir a imagem destes selvagens hostis. De 1883 a 1886 se desenrolam as últimas guerras indígenas, precisamente dirigidas contra as tribos Apaches de Jerônimo, e o acontecimento é largamente evocado pelos jornais e periódicos do país. Três anos mais tarde, em 1889, o *Wild West Show* de Buffalo Bill se instala perto da porta Maillot e consagra uma de suas atrações a rendição do chefe dos Apaches. A cultura indígena, revela um etnógrafo, faz a tal ponto parte do saber comum dos franceses “que é difícil de falar sem cair repetições inúteis e lugares comuns.”⁴⁷ Os Apaches estão no coração destas representações. Em *Sapho* de Alphonse Daudet (1888), vê-se um dos artistas convidados a um baile mascarado disfarçar-se de chefe Apache. Os textos de Ferry e de Aimard são regularmente reeditados ou demarcados nas coleções de grande tiragem⁴⁸ e os Apaches abundam outrossim nos romances e periódicos de aventuras como *Le Journal des Voyages*.⁴⁹

Em 1885, o etnólogo Elie Reclus, irmão mais velho do célebre geógrafo anarquista, fixa para a ciência os traços da nação Apache.⁵⁰ “O Apache é uma bela besta feroz”, escreve o autor como abertura de uma caricatura que convém citar um pouco mais demoradamente, tanto que ele prefigura por sua construção, seus motivos ou suas conclusões, o discurso sem nuance que se mantivera alguns anos mais tarde sobre os jovens delinquentes parisienses. Um físico difícil, facilmente identificável: “Máscara impassível, traços enrugados e murchos, rosto largo, nariz achatado, bochechas salientes, boca muito rachada, lábios finos [...] olhos ligeiramente oblíquos e cujo brilho vidrado lembra aquele do coitote”. Um estado de inexplicável selvageria em seguida, que revela a sujidade deste povo ou suas práticas alimentares: “se atirando sobre suas presas, eles os devoram ainda vivos: uns cortam e despedaçam, os outros arrancam os membros e os estraçalham na força dos braços, sem mais preocupação com o sofrimento da vítima do que o civilizado que engole uma ostra regada com limão. Os Apaches também são acusados de antropofagia. O fato não é provado”. Seu estado social, muito primitivo, é ditado pela única força bruta. Desprovidos de toda moralidade, eles dominam com dificuldade a linguagem e se exprimem bastante por gestos. Eles “não vivem quase nada de roubos, suas rapinagens se complicam de raptos e de assassínios, seus combates são menos de lutas que de assassínios. Roubos, assassínios e massacres, viram sua glória”. Covardes, dissimulados, cruéis, eles atacam seguro de matar e “se deleitam a fazer sofrer os prisioneiros com abomináveis suplícios”. “Raça errante, esfomeada, alterada, raça caçada e perseguida, raça resistente, astuta e apaixonada, indomável ao cansaço e ao sofrimento, o Apache, povo lobo, terá a sorte do lobo”, concluiu o cientista. Precisa declarar nestas condições que este texto tenha sido reeditado em 1903?

Enquanto se consolidam assim as representações do Apache, a escória da civilização e mesmo da espécie humana, vê se multiplicar as narrativas ligando explicitamente os índios com os malandros, ou representado pela correspondência entre tribos americanas e a rale de Paris. Desde 1845, em

Les Amours de Paris, Paul Féval introduz um sórdido assunto da sucessão da tribo do *sachem* Oguah, chefe de uma tribo de Cherokees, que se revela no final das contas ser o marquês Jean de Maillepré, um dos herdeiros de uma antiga casa senhorial. Oito anos mais tarde, o mesmo Féval é o primeiro a forçar verdadeiramente o uso metafórico importando Towah, autêntico Pawnie por sua parte nos bairros mal formados da capital. Para cumprir sua vingança e punir os assassinos de “Mayor” o índio leva a caça dentro das ruas de Paris, até que ele encontra e escalpa os bandidos que ele persegue desde a Califórnia.⁵¹ Mas é mais como um corredor de pistas na melhor tradição de Cooper, que como uma figura dos vis que Towah se apresenta. Por volta do meio do século, no entanto, a correspondência torna-se geral entre o índio e o malfeitor. Em 1860, Alfred Delvau conduz um de seus amigos estrangeiros “entre os Peles-vermelhas” do lado da praça Maubert, entre “os selvagens da civilização, esses Peles-vermelhas da Paris moderna, que são como as escórias da grande capital em ebulição de progresso”. “Escrevi a palavra, acrescenta ele, crendo-se original, e não o apagarei. Essas pessoas são os Peles-vermelhas de Paris”.⁵² O uso do termo progride igualmente para designar todo indivíduo ameaçador ou fora da norma. Em 1871, nota um lexicólogo, é frequente tratar os *Communards* como “Peles-vermelhas”.⁵³ Dez anos mais tarde, é como “selvagens indomáveis” que os jovens delinquentes são apresentados por um médico parisiense.⁵⁴ Ainda em 1884, um homem acusado de ter matado seu cunhado é retratado por magistrado, como um “verdadeiro Apache”, pois ele era “tatuado dos pés à cabeça como um verdadeiro selvagem”.⁵⁵ Se ela ainda não tem contaminado o registro literário ou midiático, a metáfora, como se vê, é largamente utilizada no discurso social.

É para Gustave Aimard, ou para um de seus sucessores (*Les Peaux-Rouges de Paris* aparece em 1888, cinco anos depois da morte do autor) que merece portanto o título de assegurar explicitamente a junção literária entre Sonora e à vigarice parisiense. Depois de uma primeira parte muito clássica, onde os heróis afrontam diversas bandas de Apaches na região da Gila, Aimard transpõe a ação no centro de Paris, num momento em que a

hausmannização bagunça a organização da cidade. Plagiando Féval dos *Couteaux d'or*, ele introduz o guerreiro Comanche Tahera numa capital em plena efervescência. Mas a convergência é aqui empurrada a seu paroxismo. Projetado nos bordéis da rua Vertus ou da praça Maubert, o índio é logo confrontado aos bandidos parisienses que dirige Le Loupeur, líder supremo da “armada do exército”. Por um clássico processo de inversão, ou do mundo ao contrário, são logo os vadios e os reincidentes penais que aparecem como os verdadeiros *Peles-vermelhas de Paris*, aqueles que o guerreiro Tahera se trabalha a reduzir. O paralelo se impõe entretanto entre os saqueadores Apaches e a primeira parte e os cúmplices de Loupeur, Gouape, Caboulot, Fil-en-quatre ou La Marlouze. Em inumeráveis vocábulos indígenas, cujo Aimard examina durante o início da narração, sucedem as expressões baixas portando os mesmos itálicos. Entre os vadios e os Apaches se estabelecem por elas mesmas evidentes correspondências: mesma imoralidade, mesma selvageria, mesmo exotismo de costume de linguagem. “Por Deus! Exclamou Loupeur, eis um povo no meio do qual eu não quereria viver, por exemplo!”. Ele ignorava evidentemente que era já um deles.

A estas correlações cada vez mais transparentes acrescentam-se as analogias, também clássicas entre o mundo da floresta e da caça, da qual a América oferece uma representação atualizada e umas estruturas emergentes do romance de detecção. A animalização dos atores, detetive em sabujo, criminoso em fera, é de fato um dos elementos constitutivos do romance policial.⁵⁶ Raramente cerebral, a investigação empresta frequentemente as vias da perseguição, da caça, ligando sempre reflexão e ação na prática do acontecimento. Na esteira de Cooper e de Sue, a maior parte dos folhetistas convocaram assim o imaginário da caça e a paisagem da floresta transplantados naquela grande cidade. “As florestas virgens da América são menos perigosas que as florestas virgens de Paris” notara Dumas,⁵⁷ e Féval intitula “*La Forêt de Paris*” um capítulo dos seus *Habits Noirs*. A metáfora é logo tão empregada que Théodore de Banville a denuncia desde 1859 como um insuportável lugar comum literário.⁵⁸ Ela constitui, no entanto, esta via

pela qual as formas mais modernas e finalmente muito “intelectuais” do *detective novel* do qual pressente-se os potenciais desde a década de 1860, vão pouco a pouco se juntar ao romance criminal até o transformar em um fenômeno de derivação progressiva. Que um chefe de Ontário encontra-se misturado a um crime na ponte de Chatou reveza nestas condições de ordem do verossímil.⁵⁹ Aos índios, onipresentes nesta perspectiva, acrescentam-se os caçadores e outras figuras de caçadores de pistas.⁶⁰

Mas os autores como Féval ou Aimard, que empurram à força a metáfora, são também obrigados a assinalar os limites. Em *Les Couteaux d'or*, o índio Towah transplantado nos quarteirões Norte de Paris pena em se encontrar. “É preciso o deserto para a caça ao homem. Desde a primeira noite de sua estadia em Paris, Towah, que pegara outrora com muito cuidado a medida do pé de seu inimigo, começa a procurar pistas na neve batida ao longo das ruas e alamedas; má profissão; abundância de bens atrapalha: há muitas pistas, Towah entra desanimado”.⁶¹ E se ele acaba por encontrar os bandidos, não é pelos métodos tradicionais dos caçadores da floresta. Trinta anos mais tarde, *Les Peaux-Rouges de Paris* abordam de frente esta questão, numa face-a-face exemplar. De um lado, o Comanche Tahera e seus amigos, grandes “descobridores de rastros” e admiradores dos *rastreadores*, bem decididos em utilizar os métodos do cerrado: “a floresta parisiense é talvez mais perigosa que a do Arizona, mas saberemos bem quando precisará encontrar os traços de nossos inimigos”.⁶² Do outro lado, o policial Pascal Bonhomme, detetive da Brigada de Segurança que duvida dos métodos dos caçadores (“Paris não parece de jeito nenhum com os desertos do qual você fala; os métodos dos quais vocês se servem seriam de uma execução impossível na França”), reencontra nas suas convicções pelos escarpes parisienses, que escarnecem os americanos e não temem a polícia tampouco suas redes de indicadores. “Eu estou firmemente convencido que um caçador tão hábil estaria muito embaraçado se ele precisasse pôr em prática seus estranhos talentos nas ruas de Paris, onde toda pista, à moda dos Peles-vermelhas, é impossível”, expõe Le Loupart, chefe dos bandidos parisienses. Extraordinária confrontação, na qual o policial e o malfeitor parisiense, cujas

apreciações (reminiscentes do estilo Vidocq?) convergem momentaneamente neste ponto, recusam o modelo indígena e tudo que dele procede do princípio indiciário e do raciocínio indutivo. Durante todo um capítulo, “o leitor assiste às primeiras sondagens na pista de guerra na floresta parisiense e às atonizações do célebre policial, completamente desviado pelo emprego de procedimentos a ele desconhecidos”. Tanto quanto são dois métodos, são também duas narrativas que se afrontam. E se o investigador moderno demonstra sua superioridade para decifrar um criptograma, ele deve também se inclinar face ao muito rigoroso levantamento dos traços de caçadores que conduz ao covil dos bandidos. À sua maneira, um pouco ingênua, é tudo uma parcela de imaginário policial que põe em cena Aimard nesta confrontação, e a dosagem sutil que resulta entre a polícia social e a polícia técnica e a caça ao homem. Os índios americanos têm sua parte de responsabilidade.

Tudo está locado em 1900 para que o Apache se torne o novo rei de Paris. O período corresponde a um acréscimo da recrudescência das representações indígenas, que transitam a partir de 1907 pela, muito ativa, edição em fascículo das casas Eichler e consórcios (*Sitting Bull, Rouges et Blancs, Buffalo Bill, Texas Jack, Les Chefs Indiens célèbres, Jim Kannah, Les Mystères du Far West* etc.)⁶³. Teríamos, no entanto, de ver no Apache, somente um índio entre outros, uma simples figura exótica que mobiliza então porquanto a América estava na moda. Fortes de uma sólida cultura indígena, os franceses da *Belle Époque* sabem muito bem o que diferencia um Iroquês de um Cheyenne e um Sioux de um Comanche. A escolha do Apache, responde pois a motivações precisas. Para os jovens delinquentes, o termo traduz muito bem as lógicas de ruptura dentro das quais eles viviam. Ao contrário dos outros operários, Peles-vermelhas pacificados e doravante fechados em reservas em margem da frente da colonização social, eles recusavam-se a entregar as armas. Excluídos dos avanços de uma civilização cada vez mais normativa, recusando o trabalho e as miragens da era industrial, preocupados antes de tudo de gozar um prazer que deles mediamos, eles aspiravam a uma liberdade altiva e sem entrave. Guerreiros

selvagens e insubmissos, eles lançavam incursões vingativas contra os defensores do processo de civilização, mas sabiam que, nas suas lucidezes desesperadas, travariam combate sem volta. Quanto aos seus adversários, eles tinham também razões de tratá-los como Apaches. A guerrilha incessante levada por essas bandas rebeldes vinha chamar o justo título fragilidade do progresso, o caráter pioneiro dos avanços sociais. Mas o termo valia especialmente para o destino que o prometia. Alijado do mundo indígena, o Apache – figura injuriante e inassimilável – não podia esperar a sorte dos outros selvagens, estes operários dominados que a República pouco a pouco tinha incorporado ao seu jogo. Contra esta tribo residual, não podíamos dirigir uma estratégia de eliminação radical, executando seus chefes a cada bela tomada e relegando os outros nas reservas longínquas.

NOTAS

* Dominique Kalifa é professor da Universidade de Paris.

E-mail: dominique.kalifa@univ-paris1.fr

** A tradutora Suelen Amanda Rodrigues é licenciada e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp, câmpus de Marília. Agradecimento especial a Raymond Rainville.

¹ O título original do artigo é *Archeologie de l’“Apachisme”: barbares et Peaux-rouge au XIXe siècle*. Nesta tradução, respeitamos a enumeração das notas do artigo original de Dominique Kalifa. Todas as notas a seguir são notas do autor. (Nota da tradutora).

² É atribuída a Michelle Perrot a descoberta historiográfica dos Apaches. Ela dirigiu o primeiro trabalho universitário que os consagrou (COUSIN, Laurent. *Les Apaches. Délinquance juvénile à Paris au début du XXe siècle*, maîtrise d’histoire, Université de Paris-7, 1976) e, posteriormente, Perrot redigiu “Dans le Paris de la Belle Epoque, les Apaches, premières bandes de jeunes” (*Les Marginaux et les exclus dans l’Histoire*, 1979), retomado no *Les Ombres de l’Histoire*, op. cit., 2001, p. 351-364. Prolonguei, a meu critério, certos pontos no *L’Encre et le sang*, op. cit.

³ *Le Matin*, 12 de janeiro de 1910.

⁴ ZERJAV, Vanessa. *La Pègre parisienne dans les années vingt*, maîtrise d’histoire, Université de Paris-7, 1998. (Mestrado em História, Universidade de Paris 7).

⁵ MATTER, Paul. “Chez les Apaches”. *Revue politique et littéraire*, outubro de 1907, p. 626.

⁶ LATZARUS, Louis. “Les malfaiteurs parisiens”. *Revue de Paris*, junho de 1912, p. 527; MONTARRON, Marcel. *Histoire du Milieu de Casque d’or à nos jours*, Plon, 1969, p. 19.

⁷ LAUT, Ernest. *Supplément illustré du Petit Journal*, 23 de junho de 1910 ; *Le Matin*, 31 agosto de 1900.

⁸ D. MORRIS, George. *Fenimore Cooper et Edgar Poe d’après la critique française du XIXe siècle*, Larose, 1912 ; GIBB, Margaret Murray. *Le Roman de Bas-de-cuir. Etude sur Fenimore Cooper et son influence en France*, Champion, 1927; BOSSET, Georgette. *Fenimore Cooper et le roman d’aventures en France vers 1830*, Vrin, 1928.

⁹ *Les Pionniers* (1825), *Le Dernier des Mohicans* (1826), *La Prairie* (1827), *Le Lac Ontario* (1840), *Le Tueur de daims* (1841). O conjunto, que aparece primeiro em diversas edições (Cf. Baudry, Bossange, Galignani), foi retomado por Gosselin que empreendeu em 1827 a publicação *Oeuvres complètes de James Fenimore Cooper*.

¹⁰ *Le Globe*, 24 de maio de 1827. Sobre isto, Cf. GOBLOT, Jean-Jacques. *La Jeune France libérale. Le Globe et son groupe littéraire (1824-1830)*, Plon, 1995.

¹¹ VALCOURT, Paul. *Histoire de la tribu des Osages, peuplade sauvage de l’Amérique septentrionale, dans l’Etat du Missouri, écrite par six Osages actuellement à Paris, par M. P. Valcourt, suivie de la relation du voyage de ces sauvages et d’une notice historique sur chacun de ces Indiens*, Béchét, 1827.

¹² MICHEL, Pierre. *Un Mythe romantique : les Barbares, 1789-1848*, Presses universitaires de Lyon, 1981. Ver também CHEVALIER, L. *Classes laborieuses et classes dangereuses...*, op. cit., p. 593-613 e BEAUNE, Jean-Claude /et alii/. *Les Sauvages dans la Cité. Auto-émancipation du peuple et instruction des prolétaires au XIXe siècle*, Seyssel, Champ Vallon, 1985.

¹³ WENDELL, Barret . *A Literary History of America*, Londres, 1891, p. 185, citado por GIBB, M. *Le Roman de Bas-de-cuir*, p. 78-79.

¹⁴ Cf. sobre este ponto o trabalho de CHINARD, G. *L’Exotisme américain dans la littérature française au XVIIe siècle d’après Rabelais, Ronsard, Montaigne, etc.*, Hachette, 1911 ; *l’Amérique et le rêve exotique dans la littérature française du 17e siècle*, Hachette 1913 ; *L’Exotisme américain dans l’œuvre de Chateaubriand*, Hachette, 1918. Para uma perspectiva do conjunto e mais recente: BERKHOFFER Jr. R. J. *The White Man’s Indian. Images of the American Indian from Columbus to the Present*, New York, Alfred, Knopf, 1978.

¹⁵ LIEBERSOHN, H.. *Aristocratic Encounters. European Travellers and North American Indians*, London, Cambridge University Press, 1998.

¹⁶ LAFITAU, Joseph-François . *Mœurs des sauvages américains, comparées aux mœurs des premiers temps* (1724), Maspéro, 1983.

¹⁷ QUOY Jean-René-Constant. & GAIMARD, Paul. *Voyage autour du monde, 1824, apud RENNEVILLE, Marc. Le Langage des crânes. Une histoire de la phrénologie*, Synthélabo, 2000, p. 54.

¹⁸ FRAPPIER-MAZUR, Lucienne. *L'Expression métaphorique dans la Comédie Humaine*, Klincksieck, 1974, p. 150.

¹⁹ BURGUIÈRE, André. OZOUF, Mona. BOURGUET, Marie-Noëlle. “Naissance d’une ethnographie de la France au XVIIIe siècle” In: *Objets et méthodes de l’histoire de la culture*, Budapest, Akadémia Kiado, 1982, p. 195-228.

²⁰ Apud MICHEL, P. *Un Mythe romantique*, p. 213. A pesquisa de Eugène Buret (*La Misère des classes laborieuses en France et en Angleterre*), mais tardia, data de 1840.

²¹ BALZAC, H. *Le Père Goriot*, Gallimard, 1979, p. 279.

²² BAUCHERY, Roland. *Les Bohémiens de Paris*, 1845, p. 40, apud DELATTRE, S. *Les Douze heures noires*, op. cit., p. 495.

²³ Eugène SUE, *Les Mystères de Paris*, op. cit., p. 7.

²⁴ CAUVAIN, Henri. *Maximilien Heller (1871)*, Garnier, 1978, p. 96.

²⁵ SAND, George. *Relation d’un voyage chez les sauvages de Paris* (1846), Michel Lévy, 1857, p. 282.

²⁶ RENAUD, Alexandre. *Au Congrès et au peuple des Etats-Unis. Pour la protection des tribus indiennes d’Amérique du Nord*, Duverger, 1847.

²⁷ CATLIN, George. *La Vie chez les Indiens. Scènes et aventures de voyage parmi les tribus des deux Amériques*, Hachette, 1863. A obra evoca, entretanto, os Apaches de passagem (p. 46).

²⁸ DUMAS, Alexandre. *Les Mohicans de Paris* (1854-1859).

²⁹ Este que diferencia igualmente os franceses de outros observadores europeus, como o irlandês Thomas Mayne-Raid ou o alemão Friedrich Gerstaecker. Ver sobre este ponto VILLERBU, Tangi. *Espace et nation : constructions françaises du récit de l’Ouest américain au XIXe siècle*, thèse d’histoire, EHESS, 2004.

³⁰ Nancy BARKER, N. “Voyageurs français au Mexique, fourriers de l’intervention (1830-1860)”. *Revue d’histoire diplomatique*, 1973, p. 96-114. Sobre a política imperial no México, ver Christian SCHEFER, *La Grande pensée de Napoléon III. Les Origines de l’expédition au Mexique (1858-1862)*, Marcel Rivière, 1939, e Jean AVENEL, *La Campagne du Mexique. La fin de l’hégémonie européenne en Amérique du Nord (1862-1867)*, Economica, 1996.

³¹ VENAYRE, Sylvain. *La Gloire de l’aventure. Genèse d’une mystique moderne*, Aubier, 2002. Ver também BILLINGTON, Ray Allen. “The Image of the Southwest in Early European Westerns”, in *The American Southwest: Image and Reality*, Berkeley, University of California Press, 1980.

³² REGALADO PINEDO, Aristarco. *El Imaginario Mexicano en Francia, 1861-1867*, maîtrise d’histoire, Universidad de Guadalajara/Rennes-2, 2001.

³³ Nye, W.F. *La Sonora : étendue, population, climat, produit du sol, mines, tribus indiennes*, traduzido do inglês e acompanhado de notas, seguido de uma notícia sanitária e geográfica sobre a cidade e o porto do Panamá por A. DE ZELTNER, cônsul da França no Panamá, Escritório da Imprensa Britânica, 1864. p. 10 e 45- 49 para as citações que seguem.

³⁴ SIMONIN, Louis-Laurent . *L’Homme américain. Notes sur les Indiens des Etats-Unis, accompagné de deux cartes*, Arthus Bertrand, 1870, p. 16. As

outras narrativas de Simonin (sobretudo conhecidas para assistir à entrevista de Fort Laramie em 1867) apareceu em 1867 e 1868 no *Le Tour du Monde* e *La Revue nationale*, depois em três numerosos volumes. Ver, por exemplo, *Une Excursion chez les Peaux-Rouges*, Challamel Aîné, 1869, e *Le Grand Ouest des Etats-Unis. Les pionniers et les Peaux-Rouges*, Charpentier, 1869.

³⁵ Para uma aproximação do conjunto concernente a literatura banguê-banguê na França, ver BLETON, Paul. *Western, France. La place de l'Ouest dans l'imaginaire français*, Amiens, Encrage, 2002, e T. VILLERBU, op. cit.

³⁶ FERRY, Gabriel. *Le Coureur des bois ou les chercheurs d'or*, Cadot, 1853 ; *La Vie sauvage au Mexique. Costal l'Indien ou les lions mexicains*, Librairie illustrée, sd. (circa 1855); EYMA, Louis-Xavier. *Les Deux Amériques, histoire, mœurs et voyages*, Giraud, 1853 ; *Les Peaux-Rouges, scènes de la vie des Indiens*, Giraud, 1854.

³⁷ CHEVALIER, Emile-Henri. *La Fille des Indiens rouges*, Michel Lévy, 1856; DUPLESSIS, Paul. *La Sonora*, Cadot, 1858; AIMARD, Gustave. *Les Trappeurs de l'Arkansas*, Amyot, 1858 ; *L'Eclaireur*, Paris, 1859.

³⁸ Sobre Gustave Aimard, ver o dossiê de trabalho por *Le Rocambole*, n° 13, 2000, p. 7-116. Cf. também a tese citada de S. VENAYRE e o prefácio de Matthieu LETOURNEUX aux *Trappeurs de l'Arkansas et autres romans de l'Ouest*, Laffont, 2001.

³⁹ REVOIL Bénédict-Henri. “La Sonora de M. de Raousset-Boulbon”, *L'Illustration*, n° 520, 12 de fevereiro de 1853.

⁴⁰ *Relation de la captivité de Mme Jane Adeline Wilson, parmi les Indiens camanches (sic), suivie de l'histoire de la dame Forrester et de sa famille surprise par les sauvages*, impr. Durand, 1855. Diversas reedições seguem, das quais com um lamento (*Complainte sur l'histoire de Jane Adeline Wilson*, Durand, 1856), um contrafeito à Montpellier em 1860 (impr. Vve Julien, 1860) e uma retomada pelos *Veillées du foyer, bibliothèque morale et populaire* (Tarbes, impr. J.A. Fouga, 1862).

⁴¹ FERRY, G. *Costal l'Indien*, op. cit., p. 64-69.

⁴² AIMARD, Gustave. *Valentin Guillois*, Amyot, 1862, p. 349.

⁴³ AIMARD, G. *L'Eclaireur* (1859), Laffont, 2001, p. 802-803.

⁴⁴ AIMARD, G. *Les Peaux-Rouges de Paris*, op. cit., p. 312-313.

⁴⁵ EYMA, *Les Peaux-Rouge...*, op. cit. Citações, p. 43, p. 63 et p. 307.

⁴⁶ TOUTAIN, Paul. *Un Français en Amérique : yankees, indiens, mormons*, Plon, 1876, p. 104 et 93-98.

⁴⁷ FORTESCUE, J. *Les Indiens Cris de l'Amérique du Nord*, Société d'ethnographie de Paris, 1884, p. 31.

⁴⁸ BELLEMARRE, Gabriel de. *Les Dernières aventures de Bois-Rosé*, PHachette, 1899.

⁴⁹ PALEWSKA, Marie. “La partie récréative du *Journal des voyages*”, *Le Rocambole*, n° 6, 1999, p. 30-33.

⁵⁰ RECLUS, Elie. *Les Primitifs. Etudes d'ethnologie comparée : hyperboréens orientaux et occidentaux, Apaches, monticoles des Nilgherris, Naïrs, Khonds*, C. Chamerot, 1885, p. 144-167. Citações p. 145, 146, 151, 158 e 168.

- ⁵¹ FÉVAL, Paul. *Les Amours de Paris*, Comptoir des imprimeurs unis, 1845 ; *Les Couteaux d'or*, A. Cadot, 1857. Esta última referência não havia escapado à vigilância de Régis Messac, que a evoca em *Le Detective Novel et l'influence de la pensée scientifique*, Champion, 1929.
- ⁵² DELVAU, Alfred. *Les Dessous de Paris*, Poulet-Malassis, 1860, p. 113.
- ⁵³ DUBOIS, Jean. *Le vocabulaire politique et social en France de 1869 à 1872 à travers les oeuvres des écrivains, les revues, les journaux*, Larousse, 1962, p. 93-96.
- ⁵⁴ *Le National*, 13 de setembro de 1881, citado por DIEHL, Sophie *La Question sécuritaire à Paris, 1880-1885*, maîtrise d'histoire, université de Paris-7, 1999, p. 46.
- ⁵⁵ *La Gazette des Tribunaux*, 28 de julho de 1884, citado por CHAUVAUD, Frédéric. *Les Experts du crime. La médecine légale en France au XIXe siècle*, Aubier, 2000, p. 84.
- ⁵⁶ VAREILLE, Jean-Claude. *Filatures. Itinéraire à travers les cycles de Lupin et Rouletabille*, Presses Universitaires de Grenoble, 1980.
- ⁵⁷ DUMAS, A. *Les Mohicans de Paris*, *op. cit.* p. 2220.
- ⁵⁸ BANVILLE, Théodore de. *Petites études. Mes Souvenirs*, Charpentier, 1882.
- ⁵⁹ JOLIET, Charles. *Le Crime du pont de Chatou*, Calmann-Lévy, 1886.
- ⁶⁰ IMBERT, Pierre Léonce. *Les Trappeurs parisiens au XIXe siècle*, Sagnier, 1878.
- ⁶¹ FÉVAL, P. *Les Couteaux d'or*, *apud*, p. 126.
- ⁶² AIMARD, G. *Les Peaux-rouges de Paris*, cité, p. 343. Citações seguintes: p. 244, 288, 253.
- ⁶³ Cf. MELLOTT, Philippe. *Les Maîtres de l'aventure, 1907-1959*, Michèle Trinckvel, 1997.